

Reconhecemos que em um momento de educação não existe apenas um educando, e sim todos os envolvidos no processo participando ativamente no ganho e na dispersão de diversos pontos de vista, os quais muitas vezes formam opiniões, pessoais ou alheias. Logo, levando em consideração que existe educação em qualquer tipo de contato com o outro, seja em peulot ou em encontros informais, seríamos todos eternos educandos? Pode-se dizer que sim. Então por que taxar fulano de educador e ciclano de educando? Porque há um direcionamento nessa práxis. Ora, o educador se impõe esse papel ao levar a discussão até um certo ponto, garantindo as condições mínimas para sua condução. Porém, isso nunca pode ser levado a uma postura autoritária e dogmática onde o educador seria o único detentor do saber, deve-se incentivar a criação de diversas ideologias na mente de cada educando. Essa ideologia, formada pelo chaver após a exposição de argumentos no processo educativo, por vezes acaba entrando em conflito com a do educador e essa discordância é fundamental na beleza da educação da Tnuá.

-Iván Schejtman, Mazkir e Merakez Chinuch Fortaleza

Em tempos de americanização globalizante, quando muitas mentes em todo o planeta estão empenhadas em aprender a língua de status e domínio - o inglês -, cabe nos perguntarmos se existe superioridade entre linguagens. Acredito que não exista tal superioridade. Ao contrário, minha experiência me leva a crer que o conhecimento de novas línguas e linguagens é condição necessária da "expansão do pensamento". Então arrogar superioridade à linguagem científica, como muitos fazem, é fechar muitas das portas da experiência. Impor o uso de determinada linguagem, suprimindo aquilo que fala através de um sujeito/chanich, é calúnia! Freire atenta para a importância de reconhecermos a riqueza daquilo que aporta o relato do educando, e de construirmos o processo educativo com ele, a partir daquilo que faz sentido para ele. Ou seja, devemos valorizar as linguagens dos chanichim quaisquer que elas sejam, ao mesmo tempo em que propiciamos que eles se apropriem de novas linguagens, de outras maneiras de se inserir na realidade. Pois a educação crítica deve terminar no ponto mais próximo ao furor místico: sair de nosso corpo e habitar o lugar de um terceiro. "Expandindo nosso pensamento", poderemos nos colocar no lugar dos outros - e isso é a possibilidade de mudarmos humanamente a sociedade em que vivemos.

-Eduardo Kives, Merakez Chinuch Artzi

Pelo fato da educação ser a ferramenta da nossa Tnuá devemos prestar mais atenção no que isso realmente significa. As relações devem ser focadas na troca entre educadores e educandos, sem deixar de lado a coerência de ambas as partes. O entendimento do porque, ou seja, receber a informação com senso crítico e atingir o processo para transformá-la em opinião deve ser natural. Além disso, o educador deve estimular sempre o desejo de saber do educando e não subestimá-lo, mas pelo contrário, tratá-lo como igual.

-Marina Katz, Merakezet Chinuch Curitiba

RELAÇÃO

EDUCADOR-EDUCANDO

Sendo a educação a base da tnuá devemos sempre nos focar e compreender que educar NÃO é uma simples transferência passiva de conteúdo ao chanich. É considerar - e não subestimar - a experiência de cada chaver, e a sabedoria do senso comum. Dessa forma, devemos estimular a curiosidade nos nossos chaverim, de modo que eles busquem a "razão de ser das coisas". O educador deve enxergar o educando como um ser igual, respeitando-o, e possibilitando, assim, que haja um ambiente educativo de troca entre as partes. Outra responsabilidade nossa é a coerência entre o pensar e o falar, e entre o falar e o fazer.

O próprio ato social de estar com o chanich já o educa. Devemos atentar que a educação não ocorre somente nas peulot, mas também no cotidiano. É a dugmá ishit.

-Torá Educativa

Por que somos educadores? Será pelo tafkid que assumimos ou por uma condição que internalizamos? Talvez, começamos por assumir um tafkid, objetivando determinadas questões em relação aos nossos educandos (a partir dos nossos valores e dos da tnuá). Nos dispomos então a desenvolver um processo em relação ao grupo, podendo ser em parceria ou não com os educandos. Mesmo que em parceria com os educandos, ainda assim tem-se como questão central o meu objetivo pessoal/tnuati para a realização dos objetivos. Nesta concepção, acabamos por ir de encontro ao segundo imperativo categórico (uma máxima para a conduta moral) de Kant, que diz que, em nossas relações, devemos encarar o próximo como um fim em si mesmo, não como um meio para que outros objetivos sejam atingidos. De uma forma diferente expressa Martin Buber uma ideia parecida na sua concepção das relações Eu-Tu e Eu-Isso. Sendo assim, quando simplesmente assumimos um tafkid e queremos cumprir com determinados objetivos, acabamos por tratar os nossos educandos como ferramentas da nossa educação, em uma relação "Eu-Isso" de Buber. Neste contexto, acabamos por não atingir a plenitude da relação Educador-Educando almejada por Freire. Mas, quando internalizamos o nosso Eu-Educador e amamos nossos educandos (não por um postulado, mas espontaneamente), aí sim a educação se torna um processo sem limites e, de fato, significativo.

-Chaver Habonim Dror Brasil

Nenhum homem é uma ilha. Nós enxergamos nada além de ilusões. Toda existência é artifício da nossa mente. A única realidade se encontra na relação. Na relação educador-educando encontra-se o paradoxo entre confiar no que é dito e deixar-se levar pelas artes.

Por um lado, exige confiança mútua, por outro a arte de usar mentiras para contar a verdade. Nenhum homem é uma ilha. Existência plena só é possível no encontro. Na relação é onde as coisas verdadeiramente existem, logo na relação educador-educando é onde verdadeiramente acontece a tnuá. Toda estratificação é imaginário, criado para podermos compartilhar a organização e efetivamente funcionar, mas é essencialmente artificial. A tnuá verdadeiramente acontece no encontro. E todo e qualquer encontro que aconteça dentro da tnuá faz parte dela, pois educação é um ato político. Educação é onipresente no encontro.

-Leonardo Litvin, Merakez Chinuch Mordim